

## SETOR TÊXTIL: UM ESTUDO DOS EFEITOS DA ABERTURA COMERCIAL

**Rodrigo Pereira<sup>1</sup>, Sandra Aparecida Peres<sup>2</sup>, Kelly de Almeida Soares<sup>3</sup>, Anderson Pereira Viana Leite<sup>4</sup>, Paula Meyer Soares Passanezi<sup>5</sup>, Simone Vilela Marquezini<sup>6</sup>**

<sup>1</sup>UNINOVE/ Gerenciais, rodrigocon@bol.com.br

<sup>2</sup>UNINOVE/ Gerenciais, dandaperes@ig.com

<sup>3</sup> UNINOVE/ Gerenciais, kl\_soares@ig.com.br

<sup>4</sup>UNINOVE/ Gerenciais, 18anderson@bol.com.br

<sup>5</sup>UNINOVE/ Gerenciais, [ppassanezi@uninove.br](mailto:ppassanezi@uninove.br) (orientador)

<sup>6</sup>UNINOVE/ Gerenciais, [smarquezini@uol.com.br](mailto:smarquezini@uol.com.br) (orientador)

**Resumo:** A abertura comercial ocorrida no Brasil, em 1990, durante o governo Collor, ocasionou uma reestruturação da indústria de transformação. O objetivo deste trabalho é o de apresentar os efeitos da abertura comercial no setor têxtil durante o período 2003-2004 e principais estratégias adotadas pelas empresas do setor. A pesquisa baseou-se em entrevistas com empresários e instituições ligadas ao setor têxtil. Decorridos dez anos, a abertura comercial foi considerada como sendo bastante positiva para o alcance e aperfeiçoamento da estrutura produtiva do setor. Além da redução tarifária, outros fatores, tais como a estabilização da economia e a desvalorização do câmbio em 1999, foram apontados como sendo responsáveis também pelo processo de ajuste do setor.

**Palavras-chave:** Indústria têxtil. Abertura comercial. Tarifas. Exportações. Importações.

**Área do Conhecimento:** VI Ciências Sociais Aplicadas

### Introdução

Em 1990, durante o governo Collor, o país lançou mão de um ambicioso programa de abertura de sua economia capitaneado pela redução de barreiras e tarifas de importação. As investigações realizadas procuravam compreender principalmente os efeitos da abertura comercial na atividade econômica brasileira, no nível de produtividade e de emprego de diversos setores.

Decorrida mais de uma década após a abertura comercial, é importante a realização de um estudo acurado acerca dos efeitos de tais medidas em um dos setores mais representativos da estrutura produtiva nacional, o setor têxtil.

As opiniões e discussões em torno do tema são variadas e amplas. Um dos primeiros trabalhos escritos foi o de BRAGA e ROSSI (1988). Nele, os autores analisam a evolução da produtividade de um total de 21 setores da economia durante o período de 1970/1983. BRAGA e ROSSI (1988), calculam a produtividade total dos fatores a partir de três elementos, as economias de escala, o progresso técnico e a utilização da capacidade. Por meio de uma função logarítmica, os autores calcularam a produtividade destes setores e observaram que a metade dos setores pesquisados possuía uma taxa negativa de produtividade. Isso significa dizer que durante este período a indústria brasileira não registrou difusão de tecnologia.

Diferente mente dos resultados alcançados por ROSSI JR e CAVALCANTI (1999),

as medições da produtividade total dos fatores (PTF) de 16 setores apontam o início dos anos 90 como sendo a reversão da queda da produtividade da indústria nacional. A PTF média para os setores pesquisados é de 2,1% para o período de 1990/1995 contra - 2,5% para 1985/1990. ROSSI JR e CAVALCANTI (1999) atribui a esse incremento da produtividade a abertura da economia e a redução da taxa de proteção efetiva, confirmando por sua vez os benefícios do processo na expansão e modernização do parque industrial brasileiro.

Nesse sentido, a referida investigação abordará os efeitos da abertura comercial em 1990 e as estratégias implementadas pelas empresas do setor.

### Materiais e Métodos

A realização do referido estudo baseou-se em estudo empírico realizado junto às empresas têxteis e revisão de literatura. As informações foram coletadas a partir do envio de questionários quanto de entrevistas realizadas com empresários e representantes de associações comerciais, tais como Sindicato da Indústria Têxtil – SINDITÊXTIL - acerca das principais estratégias de adaptação adotadas após a abertura comercial ocorrida em 1990.

A seleção de empresas baseou-se na publicação Instituto de Estudos e Marketing – IEMI.(2002), configurando no total 106 empresas, 55 fiação e tecelagem, 30 malharia e o restante empresas de confecções. Em fevereiro/2004

foram enviados questionários as empresas listadas no IEMI (2002), tendo sido significativa o retorno dos questionários. A composição das empresas respondentes ficou da seguinte forma: 11 empresas de fiação e tecelagem, 8 empresas de malharia e 21 do segmento de vestuário.

A elaboração do questionário baseou-se nas pesquisas realizadas com a abertura comercial pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) – “Abertura comercial e estratégia tecnológica: a visão de líderes industriais brasileiros” em 1991. a outra pesquisa foi realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) em 1991, “Condicionantes e diretrizes de política para a abertura comercial brasileira.”.

A tabulação dos dados dos referidos questionários levou em conta apenas o número de empresas que haviam respondido, se considerado o grau de participação destas dentro do setor têxtil uma vez que se tratavam de empresas de grande e médio porte.

## Resultados

Os resultados da pesquisa mostra que a abertura comercial foi um episódio marcante, contudo, visto pela grande maioria das empresas participantes como sendo positivo e salutar para a melhoria e o aperfeiçoamento da estrutura produtiva do setor.

Cerca de 30% das empresas que responderam aos questionários eram empresas de perfil importador de matéria-prima e a grande maioria já havia feito algum gasto com importação de equipamentos, ainda que pequeno.

Apesar da abertura comercial ter ocorrido no início da década de 90, as empresas do ramo têxtil apresentaram inúmeras dificuldades para adaptar-se ao novo cenário. As empresas do segmento de vestuário apresentaram um maior grau de dificuldade em adaptar-se a esse novo cenário, cerca de 20% das empresas participantes apontaram como sendo extremamente difícil adaptar-se a um novo patamar de concorrência contra 10% de empresas participantes do segmento de fiação e tecelagem.

Em meio as dificuldades, as empresas de vestuário diversificaram a produção e terceirizaram algumas etapas do processo produtivo objetivando reduzir os custos. A terceirização ocorreu principalmente nas etapas mais avançadas do processo, como o de acabamento, de bordados, etc.. Em entrevistas com empresários deste segmento a manutenção de um certo grau de informalidade também foi apontada como uma das estratégias adotadas para a manutenção do negócio. Muitos empresários mostraram a dificuldade em manter uma empresa de pequeno e médio porte no Brasil conforme a legislação trabalhista e estadual. A desvalorização do câmbio

ocorrida em 1999 também foi apontada como um momento difícil para o setor, uma vez que gerou uma elevação dos custos do confeccionado em reais. Essa desvalorização suscitou a produção de produtos de menor qualidade e o abandono de algumas linhas de produção.

As dificuldades apontadas pelos empresários do segmento de fiação e têxtil dizem respeito a falta de linhas de crédito para a modernização do parque industrial. Na opinião destes empresários, 50% considerou que o cronograma de redução tarifária ocorreu de modo muito rápido. O governo poderia ter realizado na opinião destes um plano de reestruturação do segmento. Alguns entrevistados apontaram que os elevados juros praticados internamente penalizaram tanto quanto a própria redução de tarifas. E isso dificulta ainda nos dias atuais a reestruturação do setor.

Para driblar os efeitos do processo de abertura algumas empresas optaram por modernizar o seu parque, outras com um menor capital de giro buscaram novos nichos de mercado com outras tendências em tecidos e novas cores. E alguns simplesmente diminuíram consideravelmente a sua produção e estão até os dias de hoje no ramo a espera de uma melhora no mercado., como o caso da empresas produtoras de fibras químicas.

Diferentemente, as empresas de malharia após a abertura comercial, apresentaram uma forte disposição para aumentar a sua produção ou ainda para renegociar com os fornecedores. Em entrevistas, a expansão da produção só foi possível após o fechamento de acordos creditícios com os próprios fabricantes de teares de malharia. Essa operação casa é claro só foi possível após o estabelecimento de uma “operação casada” entre fabricante de malharia e fornecedor de equipamentos.

No que diz respeito a inovação tecnológica, somente empresas de maior porte mostraram-se dispostas a renovar e a modernizar o seu maquinário. As pequenas empresas, a grande maioria produz para o mercado interno onde o mercado consumidor é bem heterogêneo havendo portanto oportunidade de inserção de produtos de menor qualidade.

Em suma, a abertura comercial favoreceu positivamente as empresas que estavam preparadas para a exposição externa e negativamente aquelas que por muitos anos não realizavam nenhum investimento no acompanhamento das tendências mundiais.

## Discussão

A compreensão da trajetória do setor têxtil brasileiro ao longo destes últimos dez anos requer um estudo acerca do funcionamento do mercado

têxtil além fronteiras. A seguir, faremos uma breve exposição acerca do seu funcionamento e a posição que o Brasil ocupa neste segmento..

A participação do Brasil no mercado mundial ainda é bastante tímida, apenas 1,1% do mercado mundial, se comparada com outras potências como China e Estados Unidos. A abertura do mercado às importações, em 1990, de certo modo contribuiu para a reversão do saldo da balança comercial do setor. A redução rápida de alíquotas de importação e a falta de um apoio do governo no que se refere à estruturação do setor favoreceu a entrada de novos concorrentes no mercado nacional.

O quadro a seguir mostra claramente a reversão deste quadro pós-abertura comercial. Observe-se que os segmentos que agregam menor valor ao produto final, filamentos, no caso, o têxteis foi um dos setores que mais fortemente sofreu impacto da abertura.

**Quadro 1 - Evolução do Saldo da Balança Comercial (milhões de US\$)**

Segmentos	1997	1998	1999	2000
Fibras/Filam.	-1.143.033	-810.730	-639.276	-697.773
Têxteis	.21.974	-51.923	242	-47.421
Confec.	16.401	52.716	205.853	361.184
TOTAL	-1.148.606	-809.937	-433.181	-384.010

Fonte: IEMI, 2002.

Com a entrada do Plano Real em 1994, o crescimento das importações têxteis foi alimentado principalmente pelo câmbio favorável. A partir de 1997, com a consolidação dos investimentos locais e o desaquecimento da demanda interna, observa-se uma acomodação das importações que se consolidou finalmente em 1999, quando ocorreu a desvalorização cambial.

A reação dos segmentos do complexo têxtil é visível, principalmente para o segmento de confeccionados. Segundo dados do IEMI (2001), dois anos após a desvalorização do câmbio, as exportações de produtos têxteis em geral apresentaram um crescimento vigoroso, aumentando em 21% os valores exportados, atingindo a marca de US\$ 1,2 bilhões.

A avaliação dos impactos da abertura comercial em um primeiro momento foi realizado por SOARES (1994). O estudo foca especial atenção a principais estratégias adotadas pelas empresas do setor e qual a expectativa dos empresários diante dessa nova realidade. Os resultados da pesquisa mostram a reprovação e o ceticismo do empresariado diante do modo pelo qual se ordenou o processo de abertura da economia. A falta de apoio do governo federal, sobretudo de linhas de crédito, também foi apontada como uma das principais lacunas do processo no referido estudo. O segmento de

confeções, pela própria natureza da estrutura das empresas que o compõe – a maioria composta por pequeno e médio portes – diversificou a produção, gerou empregos informais e muitas fecharam as suas portas.

A opinião dos autores que discutem os efeitos do processo de abertura é ampla e variada.

Segundo CACCIAMALI (2001), as medidas de abertura comercial intensificou a competição setorial e o resultado foi a adoção de novos métodos de produção e a introdução de tecnologias poupadoras de mão-de-obra.

A intensificação do capital da produção nacional está diretamente relacionada a apreciação cambial ocorrida durante o período de 1990-1996. A introdução de tecnologias poupadoras de mão-de-obra foi a solução encontrada e os resultados no nível de emprego foram frustrantes. (BONELLI e FONSECA (1998).

Decorridos mais de uma década, observou-se que algumas empresas do setor, optaram pela modernização de seu parque industrial. Essa tendência ocorreu principalmente entre as empresas que possuíam maior capital de giro e inserção no mercado têxtil.

Além dos efeitos no mercado de trabalho, a redução tarifária e a abertura comercial têm um efeito direto na capacidade exportadora e importadora da indústria nacional. MARKWALD (2001) descreve as principais mudanças ocorridas na estrutura industrial brasileira, com foco em indicadores externo – tais como coeficientes de exportação e de penetração de importações – desagregados socialmente. Mostra também a evolução da propensão a exportar e importar das firmas brasileiras, discriminadas por tamanho, origem do capital e frequência exportadora. Segundo o autor: “.. as duas principais consequências da abertura foram o explosivo aumento das importações e a drástica reversão dos saldos comerciais.”(2001, p.14). No que diz respeito ao setor têxtil, o coeficiente de penetração deste esteve muito próximo ao da média da indústria nacional mas com uma tendência a elevação durante o período de 1990/2000. Isto deve-se a substituição de alguns insumos, como por exemplo do algodão e de tecidos sintéticos por importados e a própria retração ocorrida na produção interna.

A reação dos segmentos do complexo têxtil é visível, principalmente para o segmento de confeccionados. Segundo dados do IEMI (2001), dois anos após a desvalorização do câmbio, as exportações de produtos têxteis em geral apresentaram um crescimento vigoroso, aumentando em 21% os valores exportados, atingindo a marca de US\$ 1,2 bilhões.

Segundo SOARES (1994), as mudanças ocorridas na composição do mercado de têxteis e vestuário são um reflexo das mudanças estruturais

no setor têxtil mundial. Isso revela a ocorrência de um fenômeno que vem caracterizando o crescimento das transações internacionais com produtos industriais, nas últimas décadas: a elevação do comércio intra – industrial entre países. Os maiores parceiros comerciais do Brasil são Argentina, Estados Unidos e China; o conjunto dos países que compõem o bloco do Mercosul responde por cerca de 36% das exportações. Somando a participação de todos os países da América, esse total alcança a cifra de 75% de toda a venda externa de têxteis brasileiros.

Apesar desta transformação no mercado mundial, a abertura comercial é visualizada pelo empresariado como sendo positiva. A exposição externa propiciou a diversificação da produção e a entrada em outros nichos de mercado.

### **Conclusão**

Os impactos da abertura comercial brasileira no setor têxtil foram variados. Muitas empresas do setor adotaram estratégias variadas objetivando driblar o aumento da concorrência no mercado nacional.

Decorridos dez anos após a adoção do programa de abertura comercial observa-se um parque industrial mais bem equipado e preparado as intempéries da concorrência externa. Pode-se afirmar que o empresariado brasileiro adquiriu maturidade e profissionalismo diante das dificuldades enfrentadas durante estes anos de abertura. Os resultados foram promissores, o produto têxtil brasileiro é conhecido e possui uma boa inserção no mercado mundial.

Apesar dos percalços do modo pelo qual se consolidou o processo de abertura comercial em 1990, o setor têxtil brasileiro conseguiu se modernizar e encontrar o seu nicho de mercado.

O aumento da concorrência propiciou a busca por novos métodos de trabalho e outras alternativas criativas de personalização do produto têxtil nacional. Todo esse esforço coloca o país na rota internacional das feiras têxteis.

Esse caminho árduo e longo deveu-se graças ao processo de abertura comercial ocorrido durante o governo Collor.

As discussões acerca do processo de abertura comercial brasileiro é tema bastante controverso entre diversos autores.

Os resultados da pesquisa apontam na direção de que foi extremamente salutar e os empresários reconhecem ainda que com suas ressalvas relativas a falta de apoio governamental diante de tal processo.

### **Referências**

[1]BRAGA H. e ROSSI, J Produtividade total dos fatores de produção na indústria brasileira: mensuração e decomposição de sua taxa de

crescimento. Texto para Discussão no 157, Rio de Janeiro, 1988.

[2]ROSSI JR, J. e L e CAVALCANTI, P. F. Evolução da produtividade industrial brasileira e abertura comercial. Texto para Discussão no 651, IPEA, Rio de Janeiro, 1999

[3]IEMI, Relatório setorial da Cadeia Textil Brasileira, 2002.

[4]CACCIAMALI, Maria C. Processo de informalidade, flexibilização das relações de trabalho e proteção social na América Latina. Cadernos Puc Economia, vol.11, jun.2001, São Paulo, p.111-141.

[5]BONELLI, R e FONSECA R. Ganhos de produtividade e eficiência: novos resultados para a economia brasileira, Texto para Discussão no.557, IPEA, Rio de Janeiro, 1998.

[6]MARKWALD, R. O impacto da abertura comercial sobre a indústria brasileira: balanço de uma década. Revista Brasileira de Comércio Exterior, p.1-28, Rio de Janeiro, 2001.

[7]SOARES, Paula M. Setor têxtil por um Fio ? Avaliação dos impactos da abertura comercial brasileira. Dissertação de mestrado, FGV-SP, 1994.